

**“SEMPRE NÃO É TODO DIA”:
METÁFORA E DIALÉTICA
NA OBRA DE OSWALDO MONTENEGRO**

Maria Aparecida Rocha Gouvêa (UniFOA)
cidarochagouvea@hotmail.com

A verdade é filha do tempo e não da autoridade.
(Brecht)

1. Introdução

Historicamente, o homem sempre buscou a verdade e procurou manifestá-la através da linguagem, desde a filosofia clássica até os dias de hoje. Nessa busca, a metáfora e a dialética têm importante papel na expressão dessa verdade.

Focas (2006, p. 165) se ampara no conceito de Habermas para expressar a dificuldade de certificação da verdade.

Segundo Habermas, não se é possível uma “*certificação da verdade*”, mas sim uma “*aceitabilidade racional*”. O que implica que as evidências ou argumentos nunca são totalmente relativos à verdade, mas passíveis de nos convencer de “*afirmações problemáticas*”. Portanto podemos concluir que se nossa compreensão do mundo é Dialética, somos imediatamente conduzidos ao raciocínio de que o discurso é essencialmente dialético, sendo, obviamente, marcado pela subjetividade linguística.

Dessa forma, pode-se afirmar que a metáfora e a dialética são possibilidades encontradas pelo enunciador na tentativa da expressão da verdade. A metáfora, por ser o recurso que mais se aproxima do abstrato e do que é difícil de expressar de forma denotativa e a dialética por ser a possibilidade de demonstrar que a verdade depende do lugar de onde se fala e da situação enunciativa apresentada.

Este artigo, fundamentado nos teóricos da análise do discurso francesa, Charaudeau e Maingueneau, objetiva analisar cinco letras de canções do compositor Oswaldo Montenegro, considerando os recursos metafóricos utilizados pelo letrista e a argumentação fundamentada na dialética.

2. A metáfora

O *Dicionário de Análise do Discurso* (2008, p. 328) apresenta um percurso histórico do conceito de metáfora. Na retórica tradicional, a metáfora era considerada uma comparação abreviada, se apresentando como “uma substituição de palavra por analogia” (QUINTILIANO, 1978, p. 106).

Na semântica moderna, são considerados o caráter discursivo, fusão de domínios semânticos diferentes, e seu processo trópico, que estabelece uma intersecção análogica entre os domínios estranhos conectados.

A pragmática considera a metáfora como “um fenômeno linguageiro ordinário (...) do emprego fluido das palavras, visando a assegurar, ao menor custo, o rendimento máximo da comunicação em certos contextos”. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p. 328)

Ainda, segundo esses autores (2008, p. 330), atribui-se à metáfora três funções principais: a *função estética*, considerada como um ornamento brilhante; a *função cognitiva*, permitindo explicar analogicamente um domínio novo ou pouco definido por um domínio conhecido; e a *função persuasiva*, uma forma de impor opiniões sem demonstrá-las, muito utilizada nos discursos políticos, morais, jurídicos e midiáticos.

Valente (2002, p. 51) classifica os tipos de metáfora, considerando a presença ou a ausência dos conectivos e a quantidade de termos utilizados para a comparação, conforme esquema abaixo:

<i>símile</i> => comparação explícita (com conectivo) <i>metáfora</i> => comparação implícita (sem conectivo)
--

<i>metáfora impura</i> => com dois termos da comparação <i>metáfora pura</i> => com apenas um termo da comparação
--

O autor ressalta o valor requintado da metáfora pura, entendida como “o mais alto grau a que pode chegar o processo metafórico”, tendo sua significação definida somente pelo contexto em que foi empregada.

Fiorin (2008, p. 118) ressalta ainda que a metáfora não é apenas a substituição de uma palavra por outra, “mas uma outra possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo.”

3. A dialética

Segundo Charaudeau e Mangueneau (2008, p. 159), “a palavra dialética designa uma forma particular de diálogo, que se desenvolve entre dois parceiros, cujas trocas são estruturadas em função dos papéis específicos, orientada para a procura metódica da verdade.”

A partir desse conceito, pode-se observar o aspecto mediador da dialética na busca do sentido dos opostos verdade/inverdade, certo/errado, lógico/ilógico, considerando-se o contexto, onde o texto é produzido, e seus enunciadores.

Os autores (2008, p. 159-160) afirmam que a dialética, segundo sua antiga definição, é arte do discurso, relacionada à fala privada, conversacional, baseada em teses de ordem filosófica; a arte de argumentar por questões e respostas.

Ainda segundo esses autores, nas concepções da pragmática, a dialética é considerada uma abordagem da argumentação orientada para a resolução de diferenças de opinião. Portanto, podemos verificar que a dialética não pretende uma visão maniqueísta que separa a realidade em dois polos distintos, mas sim a consideração de que existem maneiras diferentes de se perceber essa realidade.

Na obra de Oswaldo Montenegro, objeto de análise deste artigo, observa-se o uso metafórico da dialética na construção da argumentação das teses defendidas pelo letrista com determinada frequência, o que possibilita uma análise mais aprofundada do tema para contribuições aos estudos sobre análise do discurso.

4. Quem é Oswaldo Montenegro?

Oswaldo Viveiros Montenegro é carioca, mas passou grande parte de sua infância em São João Del Rei e em Brasília, tema constante em sua obra. Desde a infância, foi um leitor assíduo e adorava os livros de Monteiro Lobato e Júlio Verne. Teve grande participação nos festivais de música brasileiros, com canções consagradas como “Bandolins”, “Agonia” e “O condor”. Compositor, poeta, roteirista e diretor de cinema e teatro, compôs várias trilhas sonoras para filmes e peças. É também autor do livro infantil “O vale encantado”. Com 31 anos de carreira, Oswaldo Montenegro já gravou 41 CDs e 5 DVDs. Suas canções abordam temáti-

cas variadas que vão desde manifestações folclóricas a temas existencia-
listas.

5. *Análise do corpus*

Apresentamos, agora, a análise de cinco letras das composições de
Oswaldo Montenegro, em que são utilizadas construções metafóricas e
dialéticas.

Sempre não é todo dia – 1987

Eu hoje acordei tão só
Mais só do que eu merecia
Olhei pro meu espelho e: RÁ
Gritei o que eu mais queria
Na fresta da minha janela
Raiou, vazou a luz do dia
Entrou sem me pedir licença
Querendo me servir de guia
E eu que já sabia tudo
Das rotas da astrologia
Dancei, e a cabeça tonta
O meu reinado não previa
Olhei pro meu espelho e: RÁ
Meu grito não me convencia
Princesa eu sei que sou pra sempre
Mas sempre não é todo dia
(...)

Eu hoje acordei tão só
Mais só do que eu merecia
Eu acho que será pra sempre
Mas sempre não é todo dia
(...)

Nessa canção, cuja construção metafórica compõe o título deste
artigo, podemos verificar o uso metafórico da dialética para expressar a
visão do enunciador sobre a verdade. Nela, podemos observar que o
compositor brinca com o par opositivo “sempre é todo dia” / “sempre
não é todo dia”, de forma a levar o interlocutor a concluir que a verdade
– “sempre é todo dia” – é mutável e, pode, dependendo do contexto e
com o passar do tempo, se transformar – “sempre não é todo dia”. Nesse
caso, a dialética é explicitada pelo valor adversativo do conectivo “mas”,
estabelecendo a oposição de ideias.

Simpatia de giz – 1987

Eu já me enchi de tudo o que você diz
Da tua cara de profeta lá da Praça Paris
O teu jeito de ser o que você queria ser, mas não é
Olha como ET e pensa como perdiz
É o teu jeito de bancar um cara rico e feliz, mas não é
Mete o pau na água e compra um chafariz
Acha que é um rei e ri dos meus bem-te-vis
Acha que é o dono dessa bola que eu não quis, mas não é
Eu não aguento mais tua simpatia de giz
O teu jeito de saber do vento mais que o nariz
O teu jeito de ser o que você queria ser, mas não é
Olha como folha e pensa como raiz
É o teu jeito de bancar um cara rico e feliz, mas não é
Querendo me ensinar aquilo que eu sempre fiz
Usando o que é dos outros pra sonhar e não diz
Fundando a filial querendo ser a matriz, mas não é.

Nessa canção, o compositor utiliza a metáfora e a dialética para estabelecer a oposição entre ser *versus* aparentar ser, de forma a levar o interlocutor a refletir sobre as escolhas que faz, funcionando também como uma crítica à sociedade capitalista que cultua a aparência em detrimento do ser. Vemos aqui que a dialética também se apresenta por meio do conectivo “mas”, estabelecendo a oposição de ideias, como podemos verificar no verso “*é o teu jeito de bancar um cara rico e feliz, mas não é*”, entre outros.

Metade – 1999

Que a força do medo que tenho
Não me impeça de ver o que anseio
Que a morte de tudo em que acredito
Não me tape os ouvidos e a boca
Porque metade de mim é o que eu grito
Mas a outra metade é silêncio.
Que a música que ouço ao longe
Seja linda ainda que tristeza
Que a mulher que eu amo seja pra sempre amada
Mesmo que distante
Porque metade de mim é partida
Mas a outra metade é saudade.
Que as palavras que falo
Não sejam ouvidas como prece e nem repetidas com fervor
Apenas respeitadas
Como a única coisa que resta a um homem inundado de
sentimento
Porque metade de mim é o que ouço
Mas a outra metade é o que calo
Que essa minha vontade de ir embora

Assim, a canção nos apresenta a realidade dialética da vida, que se quebra quando se refere à expressão do sentimento maior do ser humano, o amor.

Estrada Nova – 2008

Eu conheço o medo de ir embora
Não saber o que fazer com a mão
Gritar pro mundo e saber
Que o mundo não presta atenção
Eu conheço o medo de ir embora
Embora não pareça, a dor vai passar
Lembra se puder
Se não der, esqueça
De algum jeito vai passar
O sol já nasceu na estrada nova
E mesmo que eu impeça, ele vai brilhar
(...)
Eu conheço o medo de ir embora
O futuro agarra sua mão
Será que é o trem que passou
Ou passou quem fica na estação

Nessa canção, podemos observar o valor contextual da dialética nos versos “será que é o trem que passou / ou passou quem fica na estação”. Nessa perspectiva, podemos verificar que a verdade está diretamente relacionada ao lugar de onde se fala. Se você está na estação é o trem que passa; se está dentro do trem, são as pessoas da estação quem passam. Há, ainda, outras construções dialéticas presentes na letra, coexistentes na realidade.

Ação proposta pelo enunciador	Reação prevista pelo enunciador
Gritar para o mundo	O mundo não presta atenção
Embora não pareça (a dor não passa)	A dor vai passar
Lembra, se puder	Se não der, esqueça
Eu impeço o sol de brilhar	O sol vai brilhar

Para finalizar este artigo, apresentamos a letra do compositor denominada “A lista”. Nela, o autor parafraseia a citação de Bretch utilizada como epígrafe no início do artigo, em forma de questionamentos ao interlocutor. Numa análise profunda do aspecto contextual da vida, o compositor estabelece a dialética entre sonho/realidade; caminho desejado/caminho percorrido; teoria/prática, em uma relação temporal passado/presente. Assim, mais uma vez, podemos observar que a verdade é contextual e depende do lugar/tempo de onde se fala. Aquilo que, hoje, consideramos verdades absolutas, com o passar do tempo e com as experiências que a vida nos impõe pode se tornar lembranças sem significados.

A lista – 1998

Faça uma lista de grandes amigos
 Quem você mais via há dez anos atrás?
 Quantos você ainda vê todo dia?
 Quantos você já não encontra mais?
 Faça uma lista dos sonhos que tinha
 Quantos você desistiu de sonhar?
 Quantos amores jurados pra sempre
 Quantos você conseguiu preservar?
 Onde você ainda se reconhece
 Na foto passada ou no espelho de agora?
 Hoje é do jeito que achou que seria?
 Quantos amigos você jogou fora?
 Quantos mistérios que você sondava
 Quantos você conseguiu entender?
 Quantos defeitos sanados com o tempo
 Eram o melhor que havia em você?
 Quantas mentiras você condenava
 Quantas você teve que cometer?
 Quantas canções que você não cantava
 Hoje assobia pra sobreviver?
 Quantos segredos que você guardava
 Hoje são bobos, ninguém quer saber?
 Quantas pessoas que você amava
 Hoje acredita que amam você?

Passado	Presente
Amigos	Quantos você já não encontra mais?
Sonhos	Quantos você desistiu de sonhar?
Amores	Quantos você conseguiu preservar?
Mistérios	Quantos você conseguiu entender?
O melhor que havia em você	Hoje, são defeitos
Mentiras condenadas	Quantas você teve que cometer?
Canções que você não cantava	Hoje assobia pra sobreviver
Segredos	Hoje são bobos, ninguém quer saber
Pessoas que você amava	Hoje acredita que amam você?

6. Conclusão

Nas composições de Oswaldo Montenegro, podemos observar que o compositor se apropria da metáfora e da dialética para persuadir o interlocutor, já que esses dois recursos expressivos são, nas canções, responsáveis pela construção de sentido da relatividade da verdade. A utilização de metáforas puras e da dialética, principalmente, por meio de escolhas de conectores adversativos, imprime importante valor persuasivo às canções. Há de se ressaltar, também, o uso da metáfora com valor dialético, possibilitando a oposição de ideias, de forma a contextualizar a

verdade. Podemos, assim, concluir que o compositor utiliza com frequência tais recursos linguístico-discursivos, como forma de, pela função poética da linguagem, expressar a subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOCAS, Júlia Diniz. Dialética e argumentação: as categorias aristotélicas e o discurso. In: EMEDIATO, Vander; MACHADO, Ida C.; RONEZE, William. *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001.

MONTENEGRO, Oswaldo. *A lista*. Disponível em:
<<http://www.oswaldomontenegro.com.br>>. Acesso em: 15-07-2013.

_____. *Biografia*. Disponível em:
<<http://www.oswaldomontenegro.com.br>>. Acesso em: 15-07-2013.

_____. *Estrada nova*. Disponível em:
<<http://www.oswaldomontenegro.com.br>>. Acesso em: 15-07-2013.

_____. *Metade*. Disponível em:
<<http://www.oswaldomontenegro.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. *Sempre não é todo dia*. Disponível em:
<<http://www.oswaldomontenegro.com.br>>. Acesso em: 15-07-2013.

_____. *Simpatia de giz*. Disponível em:
<<http://www.oswaldomontenegro.com.br>>. Acesso em: 15-07-2013.

VALENTE, André Crim. A Metáfora, campo semântico e dialética na produção e na leitura de textos. In: _____. (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Letras de música nas aulas de português: estilo, cultura e cidadania. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcília. *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.